

## **POR ONDE ANDAM AS MENINAS? EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTES E DOMINAÇÃO MASCULINA NOS JOGOS DO IFCE\***

**Daniel Pinto Gomes**

*danielpintogomes@hotmail.com*

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)**

### **RESUMO**

Busco compreender as lógicas que permeiam a participação esportiva no IFCE. A observação participante, o levantamento documental e algumas entrevistas foram realizadas com agentes da Educação Física e Esportes e coadunam com o construto teórico da área. Concluo que a baixa participação feminina nos "JIFCE" são reflexo dos preconceitos à presença da mulher no esporte, assim como, ao baixo estímulo da diversidade esportiva no campo mais geral da Educação Física no IFCE.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Educação Física; Esporte; Mulheres.*

### **HABITUS ESPORTIVO NOS "JIFCE"**

Os Jogos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (JIFCE) alcançou sua décima edição. Variavelmente as competições envolvem basquetebol, futebol, futsal, handebol, tênis de mesa, voleibol, vôlei de praia, xadrez, natação, atletismo e judô, divididas nas categorias feminino e masculino, e em "Sub 19" e "Abertos", logicamente atrelada a idade, congregando diversos estudantes do Ensino Médio, Técnico, Graduação e Pós-graduação da instituição. Em algumas edições o "JIFCE" ocorreu em fases regionais e fase final, noutras, em disputas de fase única.

Nesse contexto, o esporte segue a laicidade, a igualdade de condições entre os competidores, a especialização nas funções a serem desempenhadas por "atletas", "técnicos-professores", arbitragem, agentes de saúde e gestores, além de uma racionalidade inerente a preparação de cada agente. Este conjunto pressupõe além de equipamentos e métodos de treinamento toda uma organização burocrática, que regula a busca incansável pela façanha esportiva, sua quantificação e o estabelecimento de novos records a serem alcançados. Todas características típicas do esporte moderno. Na medida em que o "JIFCE" se aproxima do esporte "oficial" afasta-se do esporte-participativo, de lazer. A adesão voluntária às regras estabelecidas no grupo de jogo; a depender do número de jogadores, do espaço físico e materiais disponíveis; a participação de um mesmo esportista em diferentes equipes, a arbitragem sendo realizada pelos próprios participantes, a maior valorização do tempo de jogo em detrimento do seu resultado, a formação quase que espontânea das equipes e a busca pelo equilíbrio de forças na distribuição dos jogadores; preservando a disputa justa; a organização do "time de fora"; nos apresenta outra lógica esportiva (STIGGER, 2005).



\* O presente trabalho conta com financiamento da Rede CEDES/ Núcleo Ceará.



A incorporação dos habitus que compõem o espaço social do esporte instaura uma afinidade de convivência ontológica com o mundo. As práticas corporais mais inclinadas ao descanso, ao divertimento, ao desenvolvimento pessoal e/ou a saúde, requerem um tipo de capital simbólico diferenciado daquele exigido nas Olimpíadas modernas, no “JIFCE”. Esta pesquisa serve tanto para reconhecermos o essencial do campo da Educação Física e Esportes no IFCE, como para legitimarmos as resistências correspondentes às diferenças objetivas desse espaço social. Importa dizer que, os sujeitos estão envolvidos em seus afazeres, no porvir, “correlato imediato da prática (práxis) que não é posto como objeto do pensar” (BOURDIEU, 1996, p. 143). Os habitus são estruturas estruturadas e estruturas estruturantes, disposições que “constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2015, p. 191).

## **EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA**

Pautado na reflexividade, a partir do encontro com o outro, o exercício do olhar etnográfico no contexto educacional exotiza o familiar, apresentando as disputas e consensos que estão por detrás das estruturas deste campo (BESERRA, 2016).

A etnografia como espaço de composição ontológica está devidamente implicada nas questões políticas, éticas e inclusive artísticas. O texto etnográfico investe o etnógrafo na atividade de estabelecer como os conceitos, as crenças, funcionam através das instituições sociais a que pertencem, onde se estabelece o trânsito entre as autoridades em disputa numa esfera de poder (CLIFFORD, 2016). Fora levantado dados através da observação participante, do levantamento documental, de entrevistas realizadas com estudantes e docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e através da sistematização de construtos teórico da Educação Física e Esportes.

## **A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO “JIFCE” E NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO**

Penso que a “baixa” participação feminina nos “JIFCE” sustenta-se nos estereótipos e preconceitos da sociedade de modo geral, mas, nos apresenta, ainda, relações com a política de Educação Física e Esportes no IFCE.

No Brasil, até meados dos anos 1940, a proteção da “natureza” das mulheres através da proibição de sua presença no esporte incorria em leis que presumiam haver um desgaste da feminilidade e da preparação para a maternidade nessas práticas (CASTELLANI FILHO, 1994). Foi o paradigma biológico do “sexo frágil” a base para legitimar a opressão da mulher, ao tempo que serviu para omitir a coisificação, principalmente, da mulher negra, como força de trabalho doméstica e supridora do apetite sexual masculino (RIBEIRO, 2017). Foi sob insultos, segregação e estereótipos que a inclusão das mulheres (DAOLIO, 2006), dos pobres e dos negros se desenvolveu, implicados com a passagem do amadorismo burguês ao profissionalismo dos experts, com a racionalização administrativa, com a espetacularização e consumo do esporte e com os projetos de nação de cada país (BUENO, 2008).

O “JIFCE” dar-se numa “teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram interligados entre si em vários níveis e diversas maneiras”, aberta a diversificadas configurações sociais que surgem como efeito da orientação de seus agentes, uns ao outros. A especialização e padronização das condutas exige conscientização dos processos civilizatórios que daí decorrem (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 25). Passamos a demonstração do esboço estatístico da participação de estudantes no “JIFCE”. Em 2018, 7,3% dos estudantes do IFCE parecem ter participado do evento. Este número pode ser diferente, pois somamos os inscritos no “Sub 19” e “Abertos”, assim como, por falta de dados, não levamos em consideração os atletas de judô, atletismo e natação. Mas, o estudante pode ser inscrito em ambas as categorias e/ou em mais de uma modalidade. No período 2018.2 os estudantes eram 46,6% mulheres e 53,4% homens. No “JIFCE” a participação foi 34,5% de mulheres e 65,5% de homens. Essa diferença pode ser maior, pois se comparada



aos jogos “abertos” de 2016 as mulheres tiveram 34% na natação, 28,5% no judô e 11,3% no atletismo, percentuais abaixo da média de 2018.

O crescimento da participação no “JIFCE” de 2018 tem relação direta com a regionalização das disputas e com o grau de investimento institucional na ação. Entretanto, a dominação masculina no esporte advém do processo de virilização dos meninos e feminização das meninas, quando as mulheres podem contribuir para sua própria dominação na medida em que incorporam a topologia sexual em suas formas de comportamento (BOURDIEU, 1998).

No Ensino Médio Integrado do *campus* Fortaleza a disciplina Educação Física é ofertada em diversas modalidades, divididas em turmas de iniciação, aperfeiçoamento e treinamento, neste último, por vezes, segregada por gênero. Temos os seguintes percentuais de participação feminina nas turmas, Ginástica 81,3%, Hidroginástica 71,8%, Basquetebol 26,7%, Capoeira 29,8%, Futsal 41,1%, Handebol 42,4%, Musculação 41%, Natação 43% e Voleibol 50,8%, no cômputo geral 43,5% dos estudantes.

O Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil de 2017 aponta que, os homens praticam mais atividades físicas e esportivas (AFES) que as mulheres, o mesmo ocorre com pessoas de maior poder aquisitivo. As mulheres tem taxas elevadas na caminhada, nas práticas de academia e nas ginásticas. Os homens praticam mais caminhada, futebol e práticas de academia. Entre os homens a prática do futebol decresce com a idade, sendo mais praticado por pessoas de baixa renda. Se entre as mulheres a caminhada é a mais praticada, entre pessoas ganham acima de 5 salários as práticas de academia estão à frente. Dentre os motivos se divertir e buscar qualidade de vida é mais citado entre os homens, que ultrapassam as taxas de motivação das mulheres também nos quesitos competir e socializar. Entre as mulheres a busca pela qualidade de vida e a indicação médica despontam. Elas ainda ultrapassam o percentual dos homens nos motivos: busca da qualidade de vida, melhora do desempenho físico e indicação médica. As respostas variam com a idade, mais jovens querem se divertir, adultos querem mais qualidade de vida e desempenho físico e idosos apontam a busca pela qualidade de vida e a indicação médica. O motivo que afasta os jovens das AFES é a falta de gosto, os adultos apontam a falta de tempo e os idosos os problemas de saúde. A falta de tempo foi citada em todas as classes sociais como o maior motivo de afastamento (PNUD, 2017).

## A DIVERSIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA

“De pouco serviria o feminismo se ele se esgotasse em uma banal adesão ao mundo dos homens” (OLIVEIRA, 1999, p. 145). O que descobrimos nesse comparativo da participação nos “JIFCE” com a preferência na Educação Física do Ensino Médio, somada ao levantamento do PNUD/2017, *é que* apesar dos esforços que visam a “igualdade” de acesso ao esporte, temos que construir regras mais justas, que reconheçam as diferenças bastante impactadas na lógica primeira. Parece-me paradoxal que a inclusão das mulheres no mundo do esporte ocorra sem que um subcampo como a Ginástica participe de forma mais sistemática do mesmo movimento. A contratação de professores para o IFCE neste subcampo é ínfima, diante de outros perfis docentes, o que nos ajuda a retratar a dominação masculina no campo esportivo.

Ao buscar a objectualização da Educação Física como campo, a distinção da mesma enquanto disciplina escolar ou exercitação física nas escolas é incorporado como mito fundador de um habitus predisposto a pensar e orientar “educações físicas”. O papel do lazer, da promoção da saúde e do fortalecimento de novas práticas e subcampos como a Dança, a Yoga, os Esportes de Aventura, as Artes circenses, a Capoeira, também, são fundamentais. De tal modo que, repensar as lógicas de participação e modalidades nos “JIFCE”, as lógicas de dar aulas, apesar de demandar um grande trabalho de conscientização, formação e engajamento entre nós professores, talvez seja um habitus reflexivo necessário que deveremos traçar para os próximos anos no IFCE.



## WHERE DO THE GIRLS WALK? PHYSICAL EDUCATION, SPORTS AND MALE DOMINATION IN THE IFCE GAMES

### ABSTRACT

I try to understand the logic that permeates sports participation in the IFCE. The participant observation, the documentary survey and some interviews were carried out with agents of Physical Education and Sports and they coadunam with the theoretical construct of the area. I conclude that the low female participation in the "JIFCE" is a reflection of the preconceptions to the presence of women in sports, as well as the low stimulus of sports diversity in the general field of Physical Education in the IFCE.

**KEYWORDS:** *Physical Education; Sports; Women.*

## ¿POR DÓNDE ANDAN LAS MUCHACHAS? EDUCACIÓN FÍSICA, DEPORTES Y DOMINACIÓN MASCULINA EN LOS JUEGOS DEL IFCE

### RESUMEN

Busco comprender las lógicas que permean la participación deportiva en el IFCE. La observación participante, el levantamiento documental y algunas entrevistas se realizaron con agentes de la Educación Física y Deportes y coadunan con el constructo teórico del área. Concluyo que la baja participación femenina en los "JIFCE" son reflejo de los prejuicios a la presencia de la mujer en el deporte, así como, al bajo estímulo de la diversidad deportiva en el campo más general de la Educación Física en el IFCE.

**PALABRAS CLAVES:** *Educación Física; Deporte; Las Mujeres.*

### REFERÊNCIAS

- BESERRA, B., LAVERGNE, R. F. Etnografando a sala de aula: contribuições da antropologia à formação de professores. *Revista Antropológicas*. Ano 20, n. 27, v. 1, p.72-101, 2016.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina revisitada*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BUENO, L. *Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento*. Tese (doutorado) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2008.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 4. Ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- CLIFFORD, J. Introdução: verdades parciais. In. CLIFFORD, L., MARCUS, G. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.
- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em "antas". In. DAOLIO, J. *Cultura, Educação Física e Futebol*. 3. Ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2006.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- OLIVEIRA, R. D. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PAIVA, F. S. L. Notas para pensar a Educação Física a partir do conceito de campo. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 51-82, jul./dez. 2004.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Relatório de desenvolvimento humano nacional – Movimento é vida: atividades físicas para todas as pessoas. Brasília, 2017.
- RIBEIRO, C. Mulheres e esporte. In. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Relatório de desenvolvimento humano nacional – Movimento é vida: atividades físicas para todas as pessoas. Brasília, 2017.
- STIGGER, Marco Paulo. *Educação física, esporte e diversidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (Coleção Educação física e esportes)

